De Bodegueiro a Ministro de Estado (*)

(No centenário de nascimento do Dr. Menezes Pimentel)

Mozart Soriano Aderaldo

No curso de uma vida praticamente dedicada às lides intelectuais, não foram despiciendas as oportunidades a nós oferecidas para o estudo da psicologia de nossa gente e de alguns conterrâneos de modo particular.

Quanto aos cearenses em geral, não poucas vezes salientamos o paradoxo existente entre a pobreza econômica da região e a inteligência de seus habitantes, acompanhando, aliás, a opinião do sociólogo Abelardo Fernando Montenegro, ilustrado membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, pois, para nós, "esse denodo provém da intensidade da competição, obrigando o homem a buscar um apoio para a sua classificação social nas vitórias intelectuais". Isto posto, "serviriam estas de promoção para a conquista de lugar destacado no meio social", verdadeiro seletor natural das personalidades mais representativas do ambiente.

Sobressair-se e vencer já exigem ingentes esforços e reais méritos em qualquer lugar do mundo. No Ceará é mais difícil ainda. Nosso espírito pilhérico e ao mesmo tempo mordaz se encarrega de destruir sem piedade quantos falsos valores surjam, por acaso, no dia-a-dia de nossas atividades intelectuais, políticas, sociais e econômicas.

(*) Discurso pronunciado em 10-09-1987, em sessão conjunta da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), em comemoração ao Centenário do Nascimento do Dr. Francisco de Menezes Pimentel, ocorrido a 12-09-1887.

Embora não se trate propriamente de atitude em si maldosa, pelo simples gosto de destruir, sendo mais a manifestação de uma cultura dinâmica, ativista e ascética, como foi observado pelo percuciente sociólogo Gilberto Freyre, o espírito crítico do povo cearense decorre, de modo óbvio, das dificuldades impostas pelo meio físico, mas, nunca, do modo simplista, exclusivamente em conseqüência disso. "O Ceará é uma clareira na confusão racial do Brasil, pois a miscigenação entre nós se limitou ao português ambicioso e sensual com o índio matreiro e desconfiado" — dissemos de uma feita. Fisicamente, "o cearense é inconfundível, de estatura mediana, moreno claro, pouca barba, músculos enrijados, cabelos em vagos anéis, rosto anguloso e cabeça chata", assim o retratamos um dia, para salientarmos, por igual, seus caracteres morais e psíquicos: "sobriedade e resignação, mas muito espírito de resistência, energia e tenacidade. Diante do inevitável cataclismo cíclico, o homem do Ceará haveria de submeter-se à lei da natureza, para ele lei de Deus, mas manifestar-se-ia ao mesmo tempo um forte, pois, sem uma grande resistência, o nordestino em geral e o cearense em particular, não sobreviveriam. Músculos de aço do vaqueiro e do jangadeiro, intrepidez do homem do sertão e do homem do mar, capazes de enganar o observador superficial a surpreendê-los na atitude inconfundível de aconchegar-se a postes e paredes e no dolente embalar da rede, simples intervalos em sua vida de duro labor, espécie de economia de energias a serem usadas em mais adequadas oportunidades. Assim como a flora da caatinga se defende das intempéries, perdendo as folhas e crescendo pouco, o homem do Ceará se precata, aguardando o momento de ação rápida e ágil.

Tudo isto nos tem levado ao embate, por vezes inglório, mas sempre gratificante quando se trata de autênticos lutadores. Isto tudo ensejaria, de par com o desmoronamento de falsos valores, empavonados e atrevidos, a ascensão de autênticas personalidades vindas das mais humildes camadas sociais, na mais legítima manifestação de espírito democrático, inobstante outras tantas Cassandras chorarem, sem exato conhecimento de nossa realidade, embevecidas com fictícios mitos por elas mesmas criados para seu próprio deleite masoquista, diante de um panorama artificialmente tracejado para simples comprovação de suas teses esdrúxulas.

Se expusemos antes essas antigas teses, ora relembradas de modo sintético, sobre a psicologia do povo cearense

aqui gizada com honestidade e espírito objetivo, em ocasiões outras nos foi dado aplicar esses pontos de vista em casos insofismáveis e concretos. Assim o fizemos, por exemplo, relativamente a Justiniano de Serpa, o "tangerino" do interior do município de Aquirás alçado por esforço gigantesco e coroado mérito à mais alta curul do Estado, depois de haver percorrido longa estrada, pontilhada de espinhos mas de rosas também. Com ele e com outros, como veremos, confirma-se a tese segundo a qual o Nordeste em geral e o Ceará particularmente são ricos em filhos seus de origem pobre mas ascendidos às mais altas posições intelectuais e políticas do Estado e do País. Nascido longe das facilidades proporcionadas pelas mais importantes cidades interioranas e pela capital cearense, vindo de família humilde, como bem foi salientado pelo emérito Barão de Studart, nume tutelar do Instituto do Ceará e fundador da Academia Cearense de Letras, Justiniano de Serpa muitos obstáculos teria de transpor antes de atingir as retumbantes vitórias engalanadoras de sua profícua existência. "Sem ter pai alcaide nem nome laureado — são ainda palavras do Barão —, conseguiu a golpes de talento e dedicações assumir papel saliente na política conservadora do Ceará". Em resumo, para não prolongar demasiadamente estas preliminares considerações, "de tangerino a Chefe de Estado" foi como intitulamos estudo nosso a respeito do tangedor de gado, aproveitador de todos os momentos disponíveis para vencer o analfabetismo e dominar as primeiras letras e o estudo médio, para, afinal, formar-se me Direito.

O mesmo nos foi dado dizer — e é este outro exemplo ilustrativo de nossa tese — do Reitor Martins Filho, Presidente atual do Instituto do Ceará e Presidente Honorário da Academia Cearense de Letras, magnífico, sem dúvida, não apenas em decorrência de título que lhe cabe por lei, mas ainda e principalmente por direito de legítima conquista em decorrência do trabalho desempenhado durante doze afanosos anos, a ponto de alguém muito autorizado, como o falecido General Dr. Carlos Studart Filho, ilustrado historiador e ex-Presidente do Instituto do Ceará e membro da Academia Cearense de Letras, dividir o ensino superior de nosso Estado em duas fases bem delimitadas: antes e depois de Martins Filho. Pois foi também longa e suada a estrada por ele percorrida. Embora bem nascido de um dos mais vigorosos troncos de povoadores do Cariri, os Terésios, as contingências da vida levaram-no a partir da função de tipógrafo, passando pela banda de mú-

sica da cristianíssima e catolicíssima cidade do Crato, cabeça de comarca, capital do Cariri e coração do Ceará, depois simples balconista ou caixeiro das Lojas Pernambucanas, para cursar, afinal, a Faculdade de Direito e conseguir, através de concurso público, uma de suas cátedras. A batalha derradeira se vincularia à fundação da Universidade Federal do Ceará, sua consolidação e prestígio, assim como à organização da Universidade Estadual e da Universidade do Cariri, coroamento natural de quem tanto conhece o assunto quanto ama sua região de origem.

Também simples tipógrafo foi a princípio o professor Joaquim Alves, Acadêmico e sócio efetivo do Instituto do Ceará, igualmente vindo do Cariri — de Jardim, mais precisamente —, e por igual expoente de sua especialidade entre nós, legando-nos preciosa bagagem bibliográfica, da qual vale relembrar a excelente *História das Secas* até o Século XIX, editada postumamente.

Outro exemplo, dentre múltiplos, diz respeito ao Ministro Armando Ribeiro Falcão. Embora oriundo de duas antigas famílias de nossa terra, foi devedor de sua educação precisamente ao Dr. Francisco de Menezes Pimentel, como aluno gratuito do Colégio São Luís. Confirmava-se mais uma vez a assertiva segundo a qual o Ceará é terra de pai rico, filho nobre e neto pobre, ignorada por muitos deslumbrados com fugazes e fortuitas fortunas amanhã dissolvidas, se não com os azares da sorte, ao menos por via da implacável divisão hereditária e sucessória, faceta outra, também interessante, da assinalada democratização ocorrente em nossa estrutura sócio-econômica. De estudante pobre a candidato a Governador do Estado, empolgando as massas e quase conquistando a alta posição de Primeiro Magistrado do Ceará. Se não a conseguiu na época, conquistaria depois, mais brilhantemente ainda, a cadeira de Deputado Federal e a liderança do Governo na Câmara Baixa do País, coroando sua brilhante carreira política com o desempenho, por duas vezes, da alta função de Ministro da Justiça e Negócios Interiores.

A digressão se estendeu muito além do pretendido, razão de nossas escusas agora formalizadas. E não tratamos, ainda, do tema a nós proposto — justa homenagem a ilustrado cearense, menino pobre elevado às culminâncias do Governo Estadual, do Senado Federal e do Ministério da Justiça e Negócios Interiores! Mas, se não cuidamos ainda do assunto, não há como negar o preparo cuidadoso na apresentação

da personalidade sem dúvida cativante do Dr. Francisco de Menezes Pimentel, a seguir relembrada sem mais delongas.

Lembrou-nos há poucos dias o Professor Luís Cavalcante Sucupira, membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará, a justeza da aplicação do conceito de Cristo a respeito de Natanael — "eis um homem em quem não há dolo" — relativamente ao Dr. Francisco de Menezes Pimentel.

Nascido em município interiorano de difícil acesso, oriundo de família humilde, ei-lo deslocado para outra região sertaneja onde trabalhou, criança ainda, como simples empregado de abastado matuto. Era balconista, varredor, lavador de copos em típica bodega de região pobre. Mas resolveu estudar e mister seria o deslocamento para a capital do Estado, malgrado o desestímulo recebido da parte de quem, ironicamente, se insinuara convidado especial para a posse daquele garoto, moreno e paupérrimo, mas assim mesmo pretensioso, na Chefia do Executivo Estadual... A resposta saiu imediatamente, embora lhana: seria a primeira região a ser visitada após sua ascensão àquele alto posto, promessa, aliás, rigorosamente cumprida cerca de quarenta anos depois.

Se, em observância à mais pura doutrina cristã, não podemos ser fatalista, por outro lado não há como esquecer o pensamento tomista relativamente ao providencialismo. Tudo acontece com a permissão de Deus — é afirmação do próprio Cristo. E o modesto menino, humilde mas obstinado, encontraria como precioso arrimo na lapidação de sua personalidade a dedicação de outro extraordinário conterrâneo nosso, o padre, depois monsenhor e Vigário-Geral da Arquidiocese, Antônio Tabosa Braga. Levado por este para Pacoti, a fim de ali instalar um estabelecimento de ensino a ser denominado Instituto São Luís, ei-lo viajando diuturnamente, durante um decênio, para a bucólica localidade de Guaramiranga, a antiga vila da Conceição, onde Rachel de Queirós moraria e estudaria também. Servia-se de um muar, percorrendo nada menos de quatorze quilômetros de ida e outros tantos de volta, única estrada conhecida então, passando pela localidade de Pernambuquinho. Em Guaramiranga passava horas estudando com o Pe. Dr. João Augusto da Frota, sócio fundador do Instituto do Ceará, homiziado voluntariamente naquele rincão da Serra de Baturité, e com este aprimorava seus conhecimentos lingüísticos e filosóficos, utilíssimos quando resolveu candidatar-se à cátedra de Direito Romano de nossa Facul-

dade de Direito, logrando o maior sucesso com as teses "A liberdade humana e as teorias modernas" e "Fontes do Direito Romano".

Em 1916 resolveu voltar a Fortaleza, onde reinstalaria o Colégio São Luís, por ele dirigido e mantido durante longo período de tempo, até passá-lo às mãos também hábeis do Professor Hélio de Sousa Melo, sócio efetivo do Instituto do Ceará, e destas para a responsabilidade de freiras franciscanas, hoje denominado Colégio Nossa Senhora de Lourdes.

Acompanhava-o na administração do estabelecimento, como responsável pelo internato, o futuro General Manuel Cordeiro Neto, depois seu Secretário de Polícia e Segurança Pública e Prefeito eleito de Fortaleza, com larga folha de serviços prestados à capital cearense. E eram professores do Colégio São Luís, nos seus primórdios em Fortaleza, Domingos Braga Barroso, Martinz de Aguiar, Otávio Farias, José Parsifal Barroso, Natanael Cortez, Odilon Braveza, José de Amorim Sobreira, José Valdo Ribeiro Ramos, o então Pe. Hélder Câmara e o atual Presidente da Academia Brasileira de Letras — Austregésilo de Ataíde. O vero educador, além de transmitir sabedoria, deve por igual escolher bem seus auxiliares, virtude essa manifesta pelo Dr. Francisco de Menezes Pimentel não somente no Colégio São Luís como ainda no exercício da mais alta magistratura estadual. Os nomes referidos, por si, demonstram essa virtude do homenageado de hoje.

Seus alunos — alguns deles apenas, para não sermos por demais prolixos — brilhariam depois nos mais diversos departamentos das atividades intelectuais, políticas e sociais de nossa terra, como Abelmar Ribeiro da Cunha, Almir Santos Pinto, Álvaro Lins Cavalcante, Antônio Filgueiras Lima, Aristóteles Canamary Ribeiro, Armando Ribeiro Falcão, o futuro Pe. Arquimedes Bruno, Hélio de Sousa Melo, João Batista Pinto Nogueira, João Otávio Lobo, Joaquim Jorge de Sousa Filho, José Almir de Carvalho, José Ferreira de Assis, José Jucá Filho, José Maria Leiria de Andrade, José Valdo Ribeiro Ramos, Liberato Moacir de Aguiar, Lineu Jucá, Lourival Correia Pinho, Marcial Dias Pequeno, Odilon Braveza, Otacílio Colares, Oswaldo Aguiar, Otávio Farias, Raimundo Lustosa Cabral, Roberto Queiroz, Valdemar Barros... e outros muitos mais, alguns deles posteriormente incorporando-se ao corpo docente do estabelecimento, conforme vimos.

Indiscutivelmente formalista, todavia, era o Dr. Pimentel lhano e acessível no trato. Seu modo de trajar — não saía de seus aposentos íntimos sem estar cerimoniosamente vestido — traduzia aprumo, fidalguia, calma, ordem e educação, como foi de modo enfático salientado pelo parapsicólogo Itamar Santiago Espíndola, sócio efetivo do Instituto do Ceará e membro da Academia Cearense de Letras.

Sua letra era primorosa e sua assinatura, precedida sempre do título de "Dr.", legitimamente conquistado em concurso público realizado em nossa Faculdade de Direito, parecia impressa e não manuscrita, tão invariavelmente semelhante às demais apostas em documentos outros. Confirmava-se, destarte, o espírito de justiça, a retidão, a fidelidade, a correção do Dr. Pimentel através de sua letra e de sua assinatura. Tudo isto a serviço de uma ordem interna imperturbável.

Estes os predicados responsáveis por sua eleição, em 1928, para Deputado Estadual.

Dissolvido o Poder Legislativo pela Revolução de 1930, voltaria o Dr. Pimentel ao exercício da política com a reconstitucionalização do País, como candidato natural e insubstituível, naquele momento, à curul governamental. E o resultado já por todos esperado era sua eleição como Governador em 1935, mantendo-se no honroso cargo até a outorga da Carta de 10 de novembro de 1937, quando foi mantido à frente do Executivo Cearense por mais sete anos, até 3 de novembro de 1945, substituído na função por não faltar à palavra empenhada no apoio à candidatura do General Eurico Gaspar Dutra à Presidência da República. Sempre o mesmo: caíu de pé! E deixou abarrotados os cofres estaduais, razão pela qual jamais ocorreu, em seu decênio de governo, qualquer atraso no pagamento dos vencimentos do funcionalismo público, a quem sempre galardeava em dezembro de cada ano com generoso abono natalino. Abarrotados os cofres públicos, sim, mas nunca por mesquinharia ou inaplicação inadequada das taxas e impostos cobrados, pois sua administração se caracterizou, por igual, pelo elevado número de construções realizadas, principalmente no setor educacional, na construção de Grupos Escolares, da nova sede do Liceu do Ceará (onde nossos corações de ex-liceístas continuam matriculados, segundo Manuel Lima Soares, sócio efetivo do Instituto do Ceará) e do imponente prédio da Faculdade de Direito, patrimônio do Ceará, da qual o Dr. Francisco de Menezes Pimentel foi professor e Diretor por dilatado período.

Apeado do poder por ser homem honrado e de palavra, ei-lo de volta ao proscênio da política cearense, pouco tempo depois, eleito Vice-Governador do Estado. Seguiu-se-lhe a deputação federal em duas legislaturas, sendo então convocado pelo Presidente Nereu Ramos para o árduo trabalho de Ministro da Justiça e Negócios Interiores. E, finalmente, sua eleição para o Senado Federal "representou a consagração do homem público", sempre preocupado em "conduzir o destino de seu povo com retidão e amor", na justa expressão de seu sucessor na Academia Cearense de Letras, o polígrafo F. S. Nascimento.

Era desse jaez o homenageado de hoje, a quem nosso Estado e o próprio País tanto devem em matéria de educação e de administração. O Ceará todo e nós, de modo muito particular, honrados com seu convite para o exercício do cargo de Prefeito Municipal de Senador Pompeu, mal completados nossos saudosos vinte e dois anos e ainda simples quartanista de nossa Faculdade de Direito! O zelo pelos estudos universitários forçou-nos a deixar a função antes do tempo previsto, atendendo o Dr. Pimentel, por isso, a nosso pedido. Mas afirmando não dispensar nossa ajuda em outras oportunidades, realmente surgidas no decorrer do tempo, quando fomos organizadores do Departamento do Serviço Público ao lado de Germano Carvalho Rocaba e José Calixto Neto, ambos de saudosa memória, e Antônio Auto da Cruz Oliveira, Francisco de Assis de Arruda Furtado, fraternas amizades por nós cultivadas através dos tempos, sendo o último, ainda, colega nosso no Instituto do Ceará. Implantado o novo órgão, semelhante ao DASP federal, o Dr. Pimentel fez-nos Subdiretor da Divisão de Organização e Orçamento do DSP, ao lado de seu bondoso Diretor, José Valdo Ribeiro Ramos, nosso antigo professor de Geografia e sócio efetivo, anos depois, do Instituto do Ceará, aqui nos saudando, por sua proverbial largueza, quando de nosso ingresso na Casa do Barão de Studart. E ainda fomos, nomeados pelo Dr. Pimentel, Diretor Geral da Imprensa Oficial do Estado, quando a politicagem ameaçava transformar esse importante setor da pública administração em arena de disputas político-partidárias.

De tangerino a Chefe do Estado — eis em poucas palavras a vida do caboclinho de Aquirás, o inesquecível Justiniano de Serpa. De caixeiro de bodega interiorana a Ministro da República é expressão bem ajustável à personalidade do moreninho nascido em Santa Quitéria.

Sobrava-nos razão, pois, ao enfatizar, de início, o denodo, a tenacidade, a força telúrica dos cearenses, independentemente de suas origens — nobres ou plebéias, ricas ou pobres, bem nascidos ou "sem pais alcaides", na expressão própria de Barão de Studart.

Em nome do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras reafirmamos, muito apropriadamente, serem imortais homens desse jaez.

Francisco de Menezes Pimentel jamais será esquecido.

Honremos sua memória e cultuemos seu exemplo.